
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O DISCURSO CRÍTICO SUBVERSIVO DO MARGINAL NA CRÔNICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Cleber José de Oliveira (PPGL-UFGD)
e Leoné Astride Barzotto (UFGD)
leonebarzotto@ibest.com.br

RESUMO: O presente artigo analisa como se constrói a representação e a autorrepresentação do marginal na crônica produzida no Brasil contemporaneamente. Parte da hipótese geral de que algumas crônicas manifestam um esforço no sentido de dar voz ao marginal. Afirmo que isso é manifestado por meio do discurso crítico subversivo à luz de Stuart Hall (1998; 2003); Silviano Santiago (1989; 2004); e Walter Mignolo (2003). Assim, selecionamos os seguintes textos para análise: “Rio de Sangue” (2009), de Ferréz; “Estamos todos no inferno” (2006), de Arnaldo Jabor; “Provocações” (1999), de Luis Fernando Veríssimo, crônicas e cronistas reconhecidamente contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: crônica brasileira contemporânea; discurso crítico; representação do marginal.

As questões essenciais do mundo contemporâneo envolvem a vida, as práticas cotidianas e os modos de viver, por conta das relações e dos conflitos que fluem dessa experiência. Portanto, ao olhar observador do cronista isso é sinônimo de matéria prima. Nesse sentido, o momento sócio-político pelo qual passa nosso país é retratado de forma explícita em grande parte das crônicas produzidas atualmente. Assim, algumas das relações que brotam dessas relações funcionam como uma espécie de desencadeador central das reflexões que serão expostas nesse estudo.

Dito isto, compreendemos que as crônicas escolhidas tomam pra si, de uma forma evidente e contundente, um discurso crítico subversivo por meio do qual é possível identificar a manifestação do discurso do indivíduo oprimido e subalternizado que está se opondo a um sistema social que privilegia a verticalização do poder (Mignolo 2003). Com isso, visualiza-se como é a interface das relações entre as elites detentoras de poder e produtoras de um discurso quase sempre excludente e as camadas

sociais marginalizadas por essa mesma elite, visto que tudo isso ocorre em relação ao discurso do poder.

Aparentemente a crônica, em seu uso tradicional, não propiciaria uma abordagem como a que será desenvolvida a seguir, já que a crônica enquanto gênero textual se caracteriza pelo texto leve, pelo ar de coisa sem necessidade que costuma assumir (Candido 1992). No entanto, no presente artigo, a crônica brasileira produzida na contemporaneidade será utilizada como suporte para pensarmos como são construídas as relações de representação e autorrepresentação do marginal através de um discurso que busca subverter as relações de poder tradicionais que estão vigentes e são impostas desde nossa colonização. Veremos, ainda, que o cronista (entendido aqui como intelectual engajado) representa as camadas que são de alguma maneira oprimidas. Indagamos, nesse sentido, até que ponto o cronista contemporâneo, toma pra si o ‘dever’ de representar (pela escrita) aqueles que, em tese, não possuíam um discurso de defesa, sobretudo em termos de propagação desse contra discurso. Dessa forma, essa abordagem se mostra possível porque a crônica sofreu mudanças; mudou porque as relações sociais mudaram e essas mudanças provocaram alterações nos gêneros discursivos (Bakhtin 1997: 281-82).

Na esteira dessa mudança, alguns cronistas estão adotando, cada vez mais, além da observação do cotidiano, um discurso contendo o que podemos chamar de certo engajamento social. Contudo, isto não é novo na crônica poderia ponderar você leitor. Pois, encontramos ainda no século XIX, mesmo que sutilmente, em cronistas como Alencar, Machado e, no século XX, em Braga, Drummond, Sabino e em tantos outros, isso que denominamos como sendo uma prosa com engajamento social. Não raro, aqui e ali, por meio da crônica, esses mestres lançaram seus olhares sobre a sociedade e, de uma forma ou de outra, explicitaram o mal estar existente nas relações sociais de seu tempo e contexto social. Porém, entendemos que o olhar do cronista modernista lançado sobre o cotidiano social, se manifesta de forma mais sutil do que o do cronista contemporâneo. Tomemos como exemplo um trecho da crônica “Ai de Ti Copacabana”, de Rubem Braga, reconhecidamente um típico cronista modernista:

Ai de Ti, Copacabana, porque eu já fiz o sinal bem claro de que é chegada a véspera de teu dia, e tu não viste; porém minha voz te abalará até as entranhas. [...] Pois grande foi a tua vaidade, Copacabana, e fundas foram as tuas mazelas; já se incendiou o Vogue, e não viste o sinal, e já mandei tragar as areias do Leme e ainda não vês o sinal. Pois o fogo e a água te consumirão. [...] Pinta-te qual mulher pública e coloca todas as tuas jóias, e aviva o verniz de tuas unhas e canta a tua última canção pecaminosa, pois em verdade é tarde para a prece; e que estremeça o teu corpo fino e cheio de máculas, desde o Edifício Olinda até a sede dos Marimbás porque eis que sobre ele vai a minha fúria, e o destruirá. Canta a tua última canção, Copacabana! (Braga 1999: 99)

No excerto acima, o discurso crítico de Braga demonstra um típico procedimento modernista, o esmero por uma sutileza no vocabulário, uma finura na construção linguística. Com isso, reforça as reflexões promovidas por alguns críticos de que a crônica, como gênero discursivo, no momento de seu auge literário, nesse caso a era modernista (Candido 1992; Simon 2006), busca não permanecer e/ou chegar ao topo literário e sim flagrar as “insignificâncias” do cotidiano (Arrigucci 1987: 6-9), ou seja, não há uma preocupação com pós-crônica, pois esta seria apenas uma pílula analgésica momentânea para amenizar a perplexidade do leitor de jornal diante do bombardeio de realidade tão cruel que veiculam os jornais.

Por este viés, lançamos uma hipótese de argumentação: a) a de que a crônica contemporânea brasileira reflete inquietações resultantes das relações sociais, que insistem em se manifestar de forma vertical. E, evidentemente, observa essas inquietações como sendo um efeito colateral da desigualdade social cultivada em nosso país desde a época colonização. Na sequência, levantamos uma segunda hipótese: b) a de que os cronistas contemporâneos aqui citados tomam pra si, por meio do discurso crítico, a função de dar expressão ao marginalizado, às camadas sociais oprimidas; ou como veremos em Ferréz, ser a própria representação do discurso do oprimido. Em tempo, entende-se que tudo isso ocorre no espaço híbrido da crônica, entre a notícia e a literatura, entre o real e o ficcional, para fazer críticas agudas aos valores tradicionais e aos regimes autoritários vigentes. Começamos, então, a busca por indícios que legitimem as hipóteses levantadas a partir de trechos da crônica “Estamos todos no inferno,” de Arnaldo Jabor:

Você é do PCC? Mais que isso, eu sou um sinal de novos tempos. Eu era pobre e invisível... vocês nunca me olharam durante décadas... E antigamente era mole resolver o problema da miséria... O diagnóstico era óbvio: migração rural, desnível de renda, poucas favelas, ralas periferias... A solução é que nunca vinha... Que fizeram? Nada. O governo federal alguma vez alocou uma verba para nós? Nós só aparecíamos nos desabamentos no morro ou nas músicas românticas sobre a “beleza dos morros ao amanhecer”, essas coisas... (2006: 43)

O trecho é iniciado com uma pergunta, algo que sugere uma entrevista ou um interrogatório no qual o marginalizado manifesta a autoridade de autorrepresentação, ainda que no espaço ficcional. Esta condição pode ser pensada pelo viés da outremização (Santiago 2004: 13-15), no qual o personagem passa por uma transformação na qual sai da condição de objeto (subalterno) e de representado para ser sujeito da enunciação, para a se autorrepresentar. Aqui a narrativa é, sobretudo, uma crítica ao descaso e aos discursos de poder estabelecidos verticalmente. É a resposta de um indivíduo que, num primeiro momento, deixa claro ter sido vítima da opressão e esquecido por aqueles que deveriam, no mínimo, promover investimentos no campo social, cultural e econômico. Porém, tal evidência é colocada no passado “Eu era pobre e invisível... vocês nunca me olharam durante décadas”; logo, o discurso crítico se manifesta de forma a denunciar o descaso das autoridades competentes e da so-

cidade como um todo com essa grande parcela da população brasileira que habita em locais como morros, favelas, viadutos, lugares esses onde se vive, não raro, em condições subumanas. Observemos a mudança de postura do indivíduo em relação ao discurso monolítico de poder, no trecho a seguir, da mesma crônica:

Agora, estamos ricos com a multinacional do pó. E vocês estão morrendo de medo... Nós somos o início tardio de vossa consciência social... Viu? Sou culto... Leio Dante na prisão. Eu sou inteligente. Eu leio, li 3 mil livros e leio Dante [...] Vocês intelectuais não falavam em “luta de classes”, em “seja marginal seja herói?” Pois é: chegamos, somos nós! Há há... Vocês nunca esperavam esses guerreiros do pó, né? Não há mais proletários, ou infelizes ou explorados. (Jabor 2006: 43-45)

Num segundo momento, manifesta-se, por esse mesmo indivíduo, a sua condição atual. O discurso então é de quem se sente como sendo o ‘caçador’ e não mais a ‘caça’; o que acua e não mais o acuado. Essa passagem efetiva o que se compreende por processo de subjetificação, ou seja, quando o sujeito/objeto passa a ser o sujeito/sujeito, mesmo que às avessas e à revelia da ordem hegemônica imposta. Portanto, o oprimido se liberta: “Não há mais proletários, ou infelizes ou explorados” (Jabor 2006: 45). O indivíduo que era invisível se torna uma ameaça aos poderes estabelecidos, pois agora sua voz subversiva ecoa pelos quatro cantos do país e do mundo. Configura-se como um efeito colateral do sistema, um herói subversivo, uma espécie de *Robin Hood* contemporâneo. Nesse sentido, é possível enxergar ações e comportamentos desse discurso que remontam aspectos da concepção de civilidade dissimulada discutida por Bhabha, cujo oprimido, num primeiro momento, age como deseja e espera seu opressor, mas, no momento oportuno, esse mesmo sujeito promove uma reviravolta nessa relação que - no limite - se dá em função do discurso do poder (Bhabha 2003: 138-140). Logo, é inevitável não perceber no discurso a referência às discussões promovidas por Jameson (1996), sobre capitalismo tardio e pós-modernidade. E também, uma referência a *Divina Comédia* de Dante, sobre consciência social. Ainda no trecho, o discurso do indivíduo, agora na condição de ex-oprimido, fala sobre o intelectual, figura que prega utopias milagrosas tais como “luta de classes” e, ainda, “seja marginal seja herói”; uma visível referência às correntes socialistas do século XX, defendidas por muitos intelectuais modernistas como sendo uma solução para os problemas sociais brasileiros ainda que no limiar ideológico.

Na sociedade contemporânea estas utopias, advindas de séculos passados principalmente do XIX e XX, revelaram-se ineficazes e produziram uma enorme onda de frustração nacional que criou sujeitos sociais incrédulos em soluções mágicas para o caos social. Tal assertiva está clara no discurso crítico utilizado pelo ex-oprimido e pode ser ilustrada por este trecho de outra crônica de Jabor, intitulada “Dias melhores nunca virão”: “Que estranho presente é este que vivemos, correndo sempre por nada? As utopias do século XX diziam que teríamos mais ócio, mais paz” (Jabor 2006: 163). Ainda na crônica “Estamos todos no inferno”, outra pergunta ainda mais direta é feita dentro desse contexto de desequilíbrio social:

— Você não tem medo de morrer?

— Vocês é que têm medo de morrer, eu não [...] Já somos uma outra espécie, já somos outros bichos, diferentes de vocês. A morte para vocês é um drama cristão numa cama, no ataque do coração... A morte para nós é o “presunto” diário, desovado numa vala... [...] Já surgiu uma nova linguagem. Pois é. É outra língua. Estamos diante de uma espécie de Pós-Miséria. Isso. A pós-miséria gera uma nova cultura assassina, ajudada pela tecnologia, satélites, celulares, internet, armas modernas. É a merda com chips, com megabytes. Meus comandados são uma mutação da espécie social, são fungos de um grande erro sujo [...] Como escreveu o divino Dante: Percam todas as esperanças estamos todos no inferno. (Jabor 2006: 45-47)

Nesse trecho, a resposta também é direta “eu não”; e as diferenças entre as realidades do questionador e a do questionado são evidenciadas e ressaltadas mostrando quanto grande é o abismo entre eles, pelo menos no que diz respeito às suas origens. É a manifestação de uma espécie de não-medo daquilo que para muitos ainda se constitui como sendo uma angústia, uma agonia ou como o próprio discurso diz “a morte para vocês é um drama cristão numa cama, no ataque do coração”. Aliás, pode-se observar que o discurso crítico é utilizado para provocar uma intimidação e um amedrontamento, todo o terror já sentido por ele (oprimido) agora recairá sobre o opressor. O discurso é consciente, marcado pela subversão, rebeldia, transgressão e insubordinação ao sistema do opressor. É marcado também por uma autoafirmação manifestada numa expressão própria, uma linguagem própria que reflete uma nova forma de se pensar e agir, um ‘novo’ olhar sobre o social: o do oprimido. Nesta manifestação estão interditos alguns aspectos discutidos por Mignolo (2003) sobre ‘pensamento liminar’, ou seja, a reconstrução do discurso a partir do próprio sujeito no momento em que ele ‘fala’ por si próprio, sem a interferência ou imposição do Outro dominante. A revolta contra a violência social de séculos, sofrida em parte por seus antepassados e em parte por ele, agora gera essa violência que faz o caminho inverso e se transforma numa fúria vulcânica, conforme pontuaria Frantz Fanon, baseada na eliminação do outro, do opressor. Estes aspectos também podem ser entrevistados sobre o viés das discussões promovidas por Hannah Arendt sobre o “efeito boomerang” (1997: 50-51), claro que num sentido mais restrito, o da violência socioeconômica a vigorar em nosso país e na América Latina.

O discurso vai além, ele se reconhece como anomalia social, um *alien*, uma espécie de efeito colateral de um sistema opressor. Cresceu em meio a um espaço que não é o centro, um terceiro espaço, uma terceira margem. Nascido da lama, educando-se no analfabetismo (o câncer social brasileiro), ‘diplomando-se’ nas prisões, sendo capaz de produzir uma linguagem própria, uma cultura própria, o estigma da denominada “pós-miséria”, como estratégia de resistência e de ataque. Esse esforço, pelo discurso, tenta cancelar uma forma de relação social e tradicional típica da vida brasileira desde a colônia, isto é, uma relação verticalizada em que o povo sempre figurou

e figura como sendo subalterno de outras classes sociais elitizadas e hegemônicas. Além disso, também há aspectos da concepção do entre-lugar proposto por Silvano Santiago (1989), quando o indivíduo se manifesta de um lugar que não é nem o centro e nem a margem, mas o espaço intervalar, de uma lacuna entre um e outro, habitado por ‘mutações sociais’, marcado por uma ausência de identidade ou por identidades híbridas ao extremo, indivíduos subalternos e oprimidos que se rebelam e subvertem a ordem social.

Podem também ser captadas no discurso as questões relacionadas à produção de determinados ‘valores sociais’ pelas elites detentoras dos meios de produção e comunicação, principalmente valores que pregam o acúmulo de bens materiais como sendo um quesito necessário para a constituição de um eu-social, como que a dizer: existo porque tenho e não porque sou. Nesse sentido, as discussões promovidas por Canclini (2003) sobre bens simbólicos e bens materiais vem nos dar suporte para pensarmos a questão do indivíduo ‘marginal’ como sendo alguém que sofre um processo de influência. Esse seria um dos bens materiais sobre os bens simbólicos, já que o primeiro produz uma situação de dependência do indivíduo, ou seja, é preciso acumular bens materiais para obter reconhecimento e respeito social diante da proposta social em que vivemos.

Numa outra síntese, o discurso desse indivíduo reflete questões pertinentes à vida pós-moderna sendo, talvez, a questão de identidade a principal delas. Sobre isso, Stuart Hall (2003) aponta que o homem pós-moderno não tem uma identidade fixa ou permanente, assumindo diferentes identidades em momentos diferentes. Isto ocorre porque um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes propiciavam sólidas localizações aos indivíduos. Vejamos agora, como se manifesta o discurso na crônica “Rio de Sangue”, de Férrez (que se autorreconhece como escritor de literatura marginal):

Fique a vontade para entrar no mundo adulto da violência gratuita, do grande plano de manipulação que joga contra o revoltado e tão cansado povo brasileiro, da covardia sem limites, do esfacelamento de famílias, do rio de sangue temperado com baixa estima, e das vielas cheias de corpos cansados demais para entender a difícil engrenagem de uma sociedade fantoche [...] não culpai meu pai esse povo que não sabe votar [...] a verdade é que o Estado está organizado para não deixar que a elite perca poder econômico e político, estão todos preparados para boicotar qualquer tentativa de crescimento da classe tida por eles como mais baixa, que na real somos nós. (2004: 57)

O discurso ficcional é de uma ‘realidade’ marcante na qual o narrador convida o leitor a conhecer o seu mundo e os seus pares. Não é alguém alienado, isso fica evidente quando reconhece que a grande maioria dos seus pares não entendem o funcionamento da máquina social em que estão inseridos “vuelas cheias de corpos cansados demais para entender a difícil engrenagem de uma sociedade fantoche”. Chega rogar a Deus por eles “não culpai meu pai esse povo que não sabe votar”. Numa tentativa

de tirar o povo a que pertence da alienação em que estão mergulhados. O narrador se mostra com a capacidade de construir o próprio pensamento por meio de um discurso forte e realista, evidenciando assim a autoridade de se autorrepresentar através do pensamento liminar. Esta busca pelo poder de se discursar por si mesmo, para não mais ser representado pelo colonizador, é algo que permeia ou permeou todos os países latino americanos. No fluxo da análise, vejamos agora um outro trecho da mesma crônica:

Eu quero ter o belo prazer subversivo de escrever minha literatura marginal, eu quero ser preso, mas por porte ilegal de inteligência, antigamente quilombos hoje periferia, o zumbi zumbizando a elite mesquinha, Záfria Brasil um só por todos nós, somos monjolos, somos branquindiafros, somos Clãnordestino, a peste negra, somos Racionais, somos Negro Drama, e minha posse é mente zulu. (Ferréz 2004: 57)

Na passagem acima, o narrador promove comparações nas quais sugere que, no sistema social brasileiro, tudo continua igual (isso em relação ao lugar histórico do subalterno) apesar de serem chamados por nomes diferentes “antigamente quilombo hoje periferia”. Na mesma medida, igual também permanece o pensamento subversivo em relação ao discurso de poder das elites e a força de resistência desse indivíduo, porém agora com a mesma arma do opressor: a inteligência e a palavra escrita – a literatura – “eu quero ter o belo prazer subversivo de escrever minha literatura marginal, eu quero ser preso, mas por porte ilegal de inteligência”; com isso, o indivíduo se subjetifica e fortalece a inversão das relações de poder, a margem figura no centro e não mais o centro na margem.

Além disso, é manifestado o sentimento de pertença (Hall 1998: 55-57) a uma comunidade, um espaço, uma cultura, uma nação, mesmo com o fenômeno, na pós-modernidade, constante da fragmentação das identidades. O ‘sentimento de pertencer’ é tomado como uma manifestação de comunidade. Ainda na esteira do pensamento de Hall, este sentimento pode ser entendido como sendo parte integrante da identidade deste indivíduo que se constitui de aspectos do ‘pertencimento’ às culturas étnicas, raciais, religiosas e linguísticas. O ‘sentimento de pertencer’, decorrente do sentimento de identidade, satisfaz uma necessidade psicológica vital, criando uma sensação de conforto para os indivíduos. Igualmente, esse indivíduo se manifesta pertencente a uma comunidade mestiça, miscigenada, diaspórica, híbrida (Abdala Jr. 2004), como se pode ver: “somos monjolos, somos branquindiafros, somos Clãnordestino, a peste negra, somos Racionais, somos Negro Drama, e minha posse é mente zulu”. Talvez, por isso o ‘marginal’ fala do seu lugar, do seu lócus – a margem, a periferia – e convida seu leitor para conhecer sua ‘realidade’, sua vida e sua prática cotidiana. Seu discurso é vivenciado na carne todos os dias, como nos mostra o trecho final da crônica em análise:

Os ditos revolucionários que conheci se deram bem, resolveram seus problemas, alguns até foram eleitos, falam nos palanques com mais energia,

e citam exemplos de sofrimento que eu mesmo passo todos os dias [...] Não temos medo nem raiva do poder, mas temos nojo “dessa” forma de poder, a forma que o jeitinho brasileiro consagrou e hoje faz milhões de pessoas chorarem lágrimas de sangue [...] não é pelas mortes de pobres nos morros que a elite ta reclamando, que as apresentadoras loiras tão chorando, não é pelo preto, nem pelo pobre, é por seus próprios rabos, a coisa desceu pro asfalto, o sangue chegou perto, quantos avisos, quantos pedidos de socorro, mas a criança cresceu, sem nada, nada. (Ferréz 2004: 57-58)

Nesse contexto, pode-se dizer que o indivíduo, apesar de oprimido e subalterno, adquiriu a capacidade de autorrepresentação por meio do discurso e da construção de comunidade a qual pertence. Tudo isso surge na tentativa de combater as relações sociais verticalizadas impostas pelas elites dominantes detentoras dos meios de produção e informação, na ânsia de subverter o discurso do poder, de se colocar como autosuficiente e capaz de fazer escolhas, de promover a própria emancipação e dignidade, sobretudo. Tal aspecto se evidencia quando expõe: “Não temos medo nem raiva do poder, mas temos nojo ‘dessa’ forma de poder”. A descentralização do discurso evidencia a inversão margem versus centro, o que é base das discussões de Ricardo Piglia (2004) sobre o movimento de deslocamento do discurso. A nosso ver, tal deslocamento ocorre como um efeito do processo de outremização evidenciado por Santiago (1989), como se pode perceber na crônica “Provocações” de Veríssimo:

A primeira provocação ele aguentou calado. Na verdade, gritou esperneou. Mas todos os bebês fazem assim, mesmo os que nascem em maternidade, ajudados por especialistas. E não como ele, numa toca, aparado só pelo chão. A segunda provocação foi à alimentação que lhe deram, depois do leite da mãe. Uma porcaria. Não reclamou porque não era disso. Outra provocação foi perder a metade dos seus dez irmãos, por doença e falta de atendimento. Não gostou nada daquilo. Mas ficou firme. Era de boa paz. Foram lhe provocando por toda a vida. Não pode ir a escola porque tinha que ajudar na roça. Tudo bem, gostava da roça. Mas aí lhe tiraram a roça. Na cidade, para aonde teve que ir com a família, era provocação de tudo que era lado. Resistiu a todas. Morar em barraco. Depois perder o barraco, que estava onde não podia estar. Ir para um barraco pior. Ficou firme. Queria um emprego, só conseguiu um subemprego. Queria casar, conseguiu uma submulher. Tiveram subfilhos. Subnutridos. Para conseguir ajuda, só entrando em fila. E a ajuda não ajudava. Estavam lhe provocando. Gostava da roça. O negócio dele era a roça. Queria voltar pra roça. Ouvira falar de uma tal reforma agrária. Não sabia bem o que era. Parece que a idéia era lhe dar uma terrinha. Se não era outra provocação, era uma boa. Terra era o que não faltava. Passou anos ouvindo falar em reforma agrária. Em voltar à terra. Em ter a terra que nunca tivera. Amanhã. No próximo ano. No próximo governo. Concluiu que era provocação. Mais uma. Finalmente ouviu dizer que desta vez a reforma agrária vinha mesmo. Para valer. Garantida. Se animou. Se mobilizou. Pegou a enxada e foi brigar pelo que pudesse conseguir. Estava disposto a aceitar qualquer coisa. Só não estava mais disposto a aceitar

provocação. Aí ouviu que a reforma agrária não era bem assim. Talvez amanhã. Talvez no próximo ano... Então protestou. Na décima milésima provocação, reagiu. E ouviu espantado, as pessoas dizerem, horrorizadas com ele: — Violência, não! (1999: 51)

Aqui o cronista representa o marginal. Faz isso por meio da observação da vida de um indivíduo marginalizado socialmente que sofre a “décima milésima provocação” e, só então, reage. Pode-se dizer que há um esforço, por parte do cronista, para dar voz a esse indivíduo que tanto sofre com o descaso do Estado. Podemos entender isso da seguinte maneira, o cronista que é intelectual letrado busca denunciar a condição subumana de um indivíduo não alfabetizado, conseqüentemente, não letrado, ou seja, o seu oposto. Isto configura uma espécie de representação desse oprimido e da realidade em que está inserido. Com isso, pretende expor além das feridas sociais, a hipocrisia humana e o abismo social que infelizmente cresce a cada dia em nosso país. O marginal aqui, pode ser tomado como uma espécie de metonímia (a parte pelo todo) pois representa toda uma classe social que sofre as mesmas injustiças sociais. Nessa crônica, pode-se inferir que o indivíduo não manifesta a ‘capacidade’ de autorrepresentação, pois seu discurso é construído pelo cronista. Dessa maneira, o cronista através de seu texto faz da solidariedade social um valor básico, pois se reconhece no outro (Arrigucci Jr. 2001). Portanto, o denominador comum é o fato de serem ambos humanos. Nessa igualdade, entretanto, as diferenças são as principais marcas identitárias, ou melhor, é justamente por meio da diferença que a identidade é constituída e, portanto, o outro é essencial no processo de autorreconhecimento e, acima de tudo, na configuração do eu e da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer deste estudo, a crônica se formata como um reflexo social de seu tempo. Constrói-se num espaço híbrido entre a realidade e a ficção. Assim, é possível pensá-la enquanto tipo de narrativa que pode cumprir um papel social, um instrumento de formação de consciência crítica sobre as diferentes camadas da realidade. Particularmente, as crônicas analisadas foram produzidas por cronistas que fazem do seu olhar uma espécie de espelho social onde se manifestam desejos, ainda que implícitos, de concretização de uma sociedade mais justa e humana. Vimos ainda, que nas crônicas “Estamos todos no Inferno”, “Provocações” e “Rio de Sangue”, o discurso crítico subverte as relações de poder tradicionais, verticais e monolíticas. Subverte ordens que sempre partiram do centro para a margem, do colonizador para o colonizado, da elite para o povo, do opressor para o oprimido. É nesse contexto que o indivíduo marginal toma pra si a capacidade de se autorrepresentar e, com isso, promove aquilo que Piglia (2004) cunha como sendo o ‘deslocamento do discurso’, ou seja, o discurso se desloca do centro, deixa de ser produzido apenas pelas elites dominantes para ser produzido também pelas margens que buscam uma afirmação

ou reafirmação de sua identidade, há muito distorcida pelos discursos dominantes e preconceituosos das elites.

Por fim, um dos objetivos desse texto é também evidenciar que a sociedade contemporânea deve apreender a vivenciar múltiplos contextos e linguagens e a conviver com múltiplas subjetividades humanas, sem pretender reduzir a multiplicidade ao hegemônico e construir, no diálogo, novos territórios a partir dos entre-lugares, dos inter-contextos e dos inter-textos, enriquecendo a configuração de singularidades em meio as pluralidades. Dessa maneira, na sociedade pós-moderna é um equívoco pensar num núcleo fechado de produção literária. Não há mais verticalidades absolutas. É na horizontalidade que se manifestam, de forma valorosa, as diferenças. Portanto, o marginal hoje reclama algo que há muito lhe foi negado – o direito de se autorrepresentar, seja na vida cotidiana, seja na literatura.

OBRAS CITADAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo e Outras Misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 1997.

ARRIGUCCI Jr., Davi. *Braga de ovo por aqui*. São Paulo: Global Editora, 1987.

_____. *Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. “Fragmentos sobre a crônica.” *Folha de S. Paulo* 1 mai. 1987. Folhetim: 6-9.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão.” *A crônica*. Campinas: Unicamp UP, 1992. 13-22.

FANON, Franz. *The Wretched of the Earth*. New York: Grove P, 2004.

FERRÉZ. “Rio de Sangue.” *Cronista de um tempo ruim*. São Paulo: Selo Povo, 2009. 59-65.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo horizonte: UFMG, 2003.

JABOR, Arnaldo. “Estamos todos no inferno.” *Pornopolítica: Paixões e Taras na Vida Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 43-48.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Nas Malhas da Letras*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

———. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SIMON, Luiz Carlos. “O perfil intelectual do cronista contemporâneo.” Patricia Petrie et alii, orgs. *Escritura e Sociedade: O Intelectual em Questão*. Assis: UNESP, 2006. 159-168.

VERISSIMO, Luis Fernando. “Provocações.” *Plenos Pecados*. São Paulo: Objetiva, 1999. 31-34.

THE OUTCAST’S CRITICAL AND SUBVERSIVE DISCOURSE IN THE CONTEMPORARY BRAZILIAN CRÔNICA

ABSTRACT: This article aims to analyze how the outcast’s representation and self-representation are built in the *crônica*, a literary genre in contemporary Brazil. First, it starts with a general hypothesis that some *crônicas* manifest an effort as if giving voice to the subaltern individual (as an outcast). It also states that this voice is manifested by the subversive critical discourse based on Stuart Hall (1998, 2005); Silviano Santiago (1989, 2004); and Walter Mignolo (2003). For doing so, we have selected the following texts to investigate: “Rio de Sangue” by Ferréz (2009), “Estamos todos no inferno”, by Arnaldo Jabor (2006), and “Provocações”, by Luis Fernando Veríssimo (1999), well-known contemporary texts and writers.

KEYWORDS: contemporary Brazilian *crônica*; critical discourse; outcast’s representation.

Recebido em 29 de junho de 2011; aprovado em 28 de julho de 2011.